

A análise da cultura a partir de publicações populares: Richard Hoggart e as bases metodológicas dos estudos culturais¹

Mauricio Tonetto²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Com rigorosa observação dos modos de vida, das estruturas familiares, das relações entre gêneros e dos usos dos objetos que integravam o cotidiano das classes proletárias inglesas na primeira metade do século 20, Richard Hoggart³, em *As utilizações da cultura*⁴, desenvolveu uma etnografia e crítica literária que se tornou um clássico dos Estudos Culturais. Ao tratar a cultura como experiência vivida, que conformava as práticas sociais, e relacioná-la com os meios de comunicação de massa então emergentes e ameaçadores às tradições proletárias inglesas, Hoggart promoveu uma “virada cultural” acadêmica. O propósito do artigo é examinar por que esta obra, escrita na década de 1950, serve até hoje como guia para pesquisadores que pretendem analisar as transformações das classes populares a partir de publicações direcionadas a elas.

PALAVRAS-CHAVE: Richard Hoggart; estudos culturais; comunicação e cultura; análise cultural; *As utilizações da cultura*.

INTRODUÇÃO

Considerado um dos textos-fundadores dos Estudos Culturais britânicos, *As utilizações da cultura* (The Uses of Literacy, 1957), de Richard Hoggart, se divide em duas partes. Na primeira, o autor realizou uma etnografia urbana da classe proletária⁵ inglesa e relatou, em detalhes, os aspectos materiais, simbólicos e humanos que a formavam. Na segunda, analisou como as publicações populares (jornais, revistas, semanários etc) e outros produtos da comunicação de massa, que se popularizava de maneira veloz, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), estavam modificando as atitudes e os valores dessa classe.

Com base em sua própria experiência no subúrbio de Leeds (Norte urbano) das décadas de 1920 e 1930, e em sua formação acadêmica posterior em literatura como

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Aluno de Mestrado no PPGCOM da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, email: mauricio.tonetto@gmail.com

³ Fundador do *Centre for Contemporary Cultural Studies* em Birmingham, na Inglaterra. Autor de 27 livros. Morreu em 2014, aos 95 anos.

⁴ Utilizo neste artigo a tradução portuguesa, intitulada *As utilizações da cultura – Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora* (1973).

⁵ Adoto classe popular como referência a classe proletária. É uma via para aproximar o texto da atualidade, com a ressalva de que a questão é complexa e necessita de ampla análise, o que não convém fazer neste artigo. A equivalência, neste critério, é para evitar a repetição e facilitar a leitura.

bolsista, Hoggart fez uma rigorosa observação dos modos de vida, das estruturas familiares, das relações entre as gerações e os gêneros e dos usos dos objetos que integravam o cotidiano do local em que nasceu e cresceu. Em contrabalanço ao peso da experiência pessoal na obra (ESCOSTEGUY, 2011), Hoggart assumiu os parâmetros da análise literária para aplica-los às publicações populares, como jornais, revistas, canções, romances e semanários, entre outros, e imprimiu rigor científico ao trabalho de observação de campo. Escosteguy (2011) assinala que, em Hoggart, a cultura passou a ser tratada como uma questão de experiência vivida, que conformava as práticas sociais:

Sem apresentar nenhuma sofisticação retórica, ao contrário, valorizando o dado empírico, seu estudo descreve densamente como a classe trabalhadora falava e pensava, qual linguagem e presunções comuns sobre a vida ela compartilhava tanto no discurso quanto na ação, quais atitudes sociais balizavam sua prática diária, quais valores morais elas usavam, mesmo que aforisticamente, para fazer julgamentos sobre seu próprio comportamento e dos outros, incluindo, claro, como eles articulavam tudo isso quando liam e usavam as publicações populares. (ESCOSTEGUY in GOMES, JUNIOR, 2011, p. 19)

Hoggart usou como pano de fundo a trajetória de transformações do seu núcleo familiar e do meio que o circundava para discorrer sobre as mudanças que aconteciam nas classes populares da Inglaterra. O ponto de partida do autor é o início do processo de urbanização, a partir de 1830, e as novidades experimentadas por sua avó, após o casamento, na década de 1870. Desde as primeiras linhas, fica claro que as classes populares possuíam em Hoggart uma dinâmica cultural própria, que incluía valores e maneiras de pensar e agir autênticos.

Ele procurou, ao longo do texto, explicar essa dinâmica de forma minuciosa, sem deixar de investigar como a “ordem natural” das coisas era desconstruída pela expansão da indústria do entretenimento. Para atingir o rigor científico, valeu-se do distanciamento da crítica literária.

Na contramão da ideia de superestimação da influência dos produtos da indústria cultural sobre as classes populares, Hoggart denunciou a tendência intelectual de tratar os proletários como simples vítimas da exploração capitalista e pessoas presas a um passado nostálgico.

Escosteguy (2011) salienta que a obra “é representante maior da linhagem culturalista, onde o contexto histórico e as estruturas econômicas e políticas vigentes quase não são levadas em conta” – o que valoriza, por um lado, o mergulho etnográfico,

e limita, por outro, a abordagem sociológica. Stuart Hall⁶ assinalou, entretanto, que o mérito de Hoggart foi promover academicamente uma “virada cultural”.

A ela (cultura) é atribuído tanto um lugar na estrutura empírica real, isto é, uma ocorrência na sociedade, quanto assume um caráter epistemológico, ou seja, diz respeito a um lugar a partir do qual posicionar-se para pensar a sociedade. Nesse último, localiza-se a mudança de registro que vem sendo chamada de “virada cultural” e é onde se situa a obra em questão. (ESCOSTEGUY in GOMES, JUNIOR, 2011, p. 15)

Ao questionar, conforme Escosteguy (2011), “a estreiteza das análises culturais que apagavam a experiência do homem simples”, Hoggart buscou ver, para além dos hábitos, aquilo que os hábitos representavam, e para além das declarações e respostas, o que elas realmente significavam. Isso desafiou os modos analíticos da época e colidiu com a vertente marxista de classe média (ESCOSTEGUY, 2001) que nutria um misto de piedade e proteção para com as classes proletárias. A obra do autor deixou como legado um método de empreender pesquisa etnográfica com crítica literária que pode ser aplicado nos dias atuais para entender, por exemplo, as transformações da sociedade contemporânea a partir de publicações populares em jornais, sites e programas de rádio e televisão voltados para as hoje chamadas classes D e E.

A DESMISTIFICAÇÃO DA CLASSE PROLETÁRIA

Para examinar os diferentes aspectos que compunham a classe proletária do Norte urbano, Hoggart partiu da premissa, sustentada por diálogos, percepções, observações e descrições abundantes, de que seus membros tinham opiniões e pensamentos próprios, viviam em permanente negociação com o mundo cultural estabelecido e não recebiam as informações dos *mass media* passivamente. Boa parte de seu trabalho, no primeiro tomo, desmistificou a imagem de uma classe submissa e fortemente condicionada pelas influências externas.

As classes proletárias possuem em elevado grau a faculdade natural de resistirem à mudança, adaptando ou assimilando, nas novidades, aquilo que lhes interessa, e desprezando todo o resto. A vida no proletariado é parte de uma cultura muito marcada, a qual, nalguns aspectos, pode ser considerada tão

⁶ Sociólogo jamaicano radicado na Inglaterra em 1951. Junto com Hoggart e Raymond Williams, é um dos fundadores dos Estudos Culturais britânicos. Foi presidente da Associação Britânica de Sociologia entre 1995 e 1997. Stuart Hall morreu em 2014.

formal e estilizada como aquela que é atribuída às classes superiores.
 (HOGGART, 1973, v.1, p. 40)

As ideias de família e de bairro, segundo Hoggart, eram elementos essenciais e formadores dos sentidos do pessoal, do concreto e do local para os membros da classe operária. Por isso, ele acreditava que a investigação da cultura tinha de ser feita através e por dentro dela mesma. O método proposto pelo autor, então, foi a combinação da experiência direta – no caso específico, etnográfica –, aliada à crítica literária, para compreender a cultura como práticas que produzem sentidos, e não apenas meras reproduções.

Desse modo, antes de analisar o impacto que as publicações populares tinham na classe proletária, era preciso estudar, sem idealizações, quem formava essa classe, o que pensavam os proletários de maneira geral e o ambiente que os circundava. Hoggart descreveu os lares, as ruas, os bairros, os cheiros e a linguagem que formavam o universo proletário. Discorreu sobre personagens e deu destaque às figuras femininas – mães e avós –, vitais na sua educação e na de tantas pessoas que nem ele. No capítulo 4, intitulado O mundo das pessoas tais como elas são, deu mostras do que realmente movia a classe operária – visão que, na época, colidia com a marxista:

Os membros destas só muito raramente se interessam por teorias ou movimentos. Não veem as próprias vidas em termos de ascensão social ou de enriquecimento. Interessam-se muitíssimo pelas pessoas; tal como o romancista, sentem-se fascinados pelos comportamentos individuais, pelas relações que as pessoas mantêm entre si – se bem que não procurem ordená-las segundo determinados padrões, como o romancista o pretende fazer; interessam-se pelos comportamentos e relações interpessoais, sem segundas intenções.
 (HOGGART, 1973, v. 1, p. 127)

A incursão etnográfica deu a autoridade necessária ao autor para apresentar a classe de modo original, sem idealismos – a despeito de ele próprio ser oriundo do proletariado, o que não é sonogado por ele no texto e, por vezes, é até motivo de uma quase confissão com o leitor.

As pessoas que vivem esta vida (mulheres e homens também) não se consideram a si mesmas como heróis. É uma vida difícil, e as rugas da cara de uma mulher velha das classes proletárias são frequentemente muito expressivas – ganhou-as, porém, com o seu trabalho. Não vale a pena romantizar uma cara dessas: é bela sem necessidade de recorrer à luz artificial. (HOGGART, 1973, v. 1, p. 60)

A etnografia da vida cotidiana produzida por Hoggart ia até os detalhes mais íntimos, fazendo aparecer, diz Cuche (1999), “a especificidade sempre atual da cultura operária, apesar das mudanças importantes ocorridas desde o começo do século nas condições materiais de vida dos operários e no desenvolvimento da comunicação”.

As culturas populares revelam-se, na análise, nem inteiramente dependentes, nem inteiramente autônomas, nem pura imitação, nem pura criação. Por isso, elas apenas confirmam que toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e de elementos importados, de invenções próprias e de empréstimos. Como qualquer cultura, elas não são homogêneas sem ser, por esta razão, incoerentes. As culturas populares são, por definição, culturas de grupos sociais subalternos. Elas são construídas então em uma situação de dominação. (CUCHE, 1999, p. 149)

Hoggart não esqueceu a dominação perpetuada pelas elites, mas preocupou-se em mostrar, primordialmente, de que maneira os proletários conviviam com essa dominação e como adotavam uma resistência sistemática a ela. No capítulo III – Nós e Eles –, demarcou os dois mundos que permeiam a realidade exposta: nós, os membros do grupo, e eles, que estão de fora. O entendimento de suas diferenças é essencial no transcorrer do texto. “Eles” podiam ser os moradores de outros bairros, as autoridades, o governo ou qualquer outra pessoa que não apresentasse um conjunto de características comuns àquele grupo.

Os membros do proletariado sentem a necessidade de formar um grupo, porque a vida é dura e “a eles sempre lhes cai em sorte tudo o que é mau”. A maioria deles não raciocina, porém, esse conhecimento intuitivo de modo a tirar as consequências lógicas do mesmo, tomando parte ativa no “movimento do proletariado”. (HOGGART, 1973, v.1, p. 99)

O autor preocupou-se com a “cultura comum”, fabricada no cotidiano por pessoas comuns em atividades aparentemente banais e em permanente tensão com “eles”. O lar, a vizinhança e os espaços dedicados aos homens eram os locais onde se produzia a cultura real da classe proletária, na concepção de Hoggart. Apesar de não focar em questões de gênero, que mais tarde viriam a ser um dos temas centrais dos estudos culturais, ele comparou as diferentes vidas levadas pelos homens – cuja principal responsabilidade era trabalhar e sustentar a família – e pelas mulheres, que deveriam ser donas de casa exemplares.

Não faz parte das atribuições do marido ajudar na lida da casa. Quando se digna a fazê-lo, a mulher agradece; mas não se aborrece quando ele se abstém de fazer. Ao fim e ao cabo, a lida da casa é trabalho de mulher. “Não são coisas de homem”, dizem as mulheres, que não apreciam que o marido trabalhe muito em casa, pois os vizinhos podem pensar que é maricas. Ou então, quando a mulher aceita esse tipo de ajuda, diz “ajuda-me tanto em casa, é jeitoso como uma mulher”; quando ajuda, está a desempenhar tarefas que competem realmente à mulher; a lida da casa está a cargo dela. (HOGGART, 1973, v.1, p. 67)

Escreveu também a respeito de temas sensíveis e polêmicos ao proletariado, como casamento, traição, vícios, fofocas, opressão do trabalho e relações interpessoais tempestuosas. Para Escosteguy (2011), o valor epistemológico dessa abordagem está no fato de mostrar que a produção e o consumo culturais expressam relações sociais básicas, “constituindo-se assim num prenúncio da ‘era da cultura’”.

Hoggart estabeleceu no texto alguns princípios que norteiam até hoje os estudos culturais: identificação das culturas como objeto distinto de estudo; reconhecimento da complexidade e autonomia das formas simbólicas; convicção de que as classes populares possuem suas próprias formas culturais, e a defesa de que o estudo da cultura não pode restringir-se a somente uma disciplina, mas ser necessariamente interdisciplinar. O conceito de cultura foi alargado por ele e abarcou práticas do cotidiano. Todas as expressões culturais, nesta ótica, estavam relacionadas ao contexto social das instituições e das relações de poder, e não havia cultura superior e cultura inferior.

O ANTIGO CEDE LUGAR A QUAL NOVO?

Como este artigo propõe-se a analisar a obra de Hoggart na perspectiva da comunicação, o segundo tomo de *As utilizações da cultura*, cujo subtítulo é *O antigo cede lugar ao novo*, merece atenção mais aprofundada, pois versa sobre como as publicações e os produtos culturais direcionados às classes populares alteravam uma estrutura social de forte tradição, tornavam-se símbolos de uma nova era e empurravam a sociedade para um futuro de consequências imprevisíveis.

No primeiro tomo, como tratei anteriormente em breve explanação, o autor expôs suas percepções etnográficas dos proletários do Norte urbano, região onde nasceu e viveu parte de sua vida, que são importantes para elucidar suas práticas e o contexto em que aquela cultura era reformulada, além de explicitar as tensões sociais que dela emanavam.

Hoggart argumentou, por exemplo, que nem todos os membros do proletariado escutavam as canções populares de forma cativa. Pelo contrário. Eles reelaboravam as músicas e construíam outros significados a partir delas, o que demonstrava um “senso de vida real” distinto do simples divertimento passivo:

Até que ponto é que os membros das classes proletárias levam a sério este tipo de canção? Talvez que eu tenha atribuído demasiado relevo à qualidade emocional dessas canções e sentimentos que despertam, levando os meus leitores a crer que o proletariado acredita realmente nas letras das canções, constituindo os ouvintes de momento um grupo de pessoas unidas pela lágrima ao canto do outro. É claro que não é tanto assim. (HOGGART, 1973, v.1, p. 200)

Em se tratando das publicações destinadas às massas – principalmente os jornais, a literatura de romance e policial e as revistas –, Hoggart foi mais incisivo na crítica. Ele falou que todas contribuíam para o desencadeamento de um processo debilitador: “Não é que degradam o gosto – a degradação pode ser viva e ativa –, mas antes começam por excitá-lo para depois o embotar e finalmente o extinguir completamente” (HOGGART, 1973, v. 2). Em tom profético, disse que era o começo de uma profunda mudança rumo a uma sociedade culturalmente sem classes.

Esse processo que começa pela excitação do desejo, para depois o embotar, manifesta-se com grande clareza em duas das principais características da literatura popular, a saber: a “personalização” e a “fragmentação”. Ambas nos surgem tanto nas publicações antigas, como nas novas; mas as diferenças que podemos observar entre umas e outras são muito significativas, denotando um aperfeiçoamento considerável dos métodos de apresentação e manipulação. (HOGGART, 1973, v. 2, p. 44)

Escrita há 60 anos, a obra faz referência também a um tema contemporâneo dos estudos de comunicação: a personalização da informação. Naquela época, Hoggart analisava os jornais dirigidos às classes trabalhadoras, que apelavam para uma linguagem e um padrão editoriais cheios de “simplificações excessivas, doces enganos e falsificações perigosas”, e exploravam com sensacionalismo histórias ligadas aos grandes temas da existência proletária – casamento, filhos, relações conjugais, sexo, lar e criminalidade. O mesmo era válido para as revistas e os romances populares, que

Transportam-nos para uma região onde nunca acontecem coisas reais, para um crepúsculo de reações fracas e automáticas. Apenam com intensidade sempre maior para uma curiosidade “mesquinha e desprovida de significado”. A vida

está cada vez mais ausente dessas publicações, e é talvez esta a característica que mais prejudica o leitor. Não é possível gostar verdadeiramente de literatura deste tipo, literatura completamente amorfa, à qual se não pode reagir. Uma vez que nada é pedido ao leitor, este também não pode dar nada. É uma literatura que nos mergulha numa meia-luz emocional onde nada nos pode chocar, espantar ou irritar, nada nos estimula, transmite alegria ou evoca a dor; desprovida de esplendor e alheia à miséria: um gota a gota de leite aguçado que entretém a forma, mas que nos priva do prazer de uma refeição sólida e completa. (HOGGART, 1973, v.2, p. 92)

Para o autor, as novas revistas da época, em comparação com as de períodos anteriores, “reduziram o âmbito do seu mundo” ao darem “muito mais revelado ao que é só espantoso, ao crime, a casos sexuais ou ao sobrenatural”. Ele identifica que as publicações assumiam uma atitude pretensamente progressista e um tom moralista, mas, na verdade, disfarçavam “outras tendências menos patentes, mas mais importantes”.

Sob o assédio dessas publicações, que ameaçavam romper as fronteiras invisíveis que separavam o antigo do novo, o tradicional do moderno, restava ao proletário o refúgio do lar na tentativa de preservação cultural. Hoggart cita que, neste contexto, uma atitude cada vez mais cínica era desenvolvida pelos membros das classes populares:

Partem do princípio de que a maior parte das coisas que leem no jornal são mentira, porque “o que eles querem é o nosso dinheiro – ou o nosso voto”. Leem os jornais porque essa leitura não lhes exige qualquer esforço, e os diverte. Sabem que as grandes empresas que editam os jornais “não o fazem por altruísmo”, mas desejam-lhes “boa-sorte”: entretanto, os leitores divertem-se como podem. (HOGGART, 1973, v.2, p. 96)

O autor preocupava-se com a “pobreza emotiva vestida com roupas vistosas” que era oferecida às famílias proletárias, principalmente na literatura. Para ele, a dedicação exclusiva à leitura sensacionalista e fantástica poderia fazer com que a literatura séria e responsável fosse abandonada, gerando no público uma aceitação passiva que promove o conservadorismo e a conformidade.

A REJEIÇÃO DAS FRONTEIRAS DISCIPLINARES COMO MÉTODO

Ao aproximar dados empíricos aparentemente sem muito significado e diversas fontes de documentação, Hoggart desenvolveu uma pesquisa diferente das consagradas até então. Ora textualista, ora etnográfica, sua abordagem rejeitou e ultrapassou

fronteiras disciplinares – neste caso, a crítica literária e a antropologia – “e, ao mesmo tempo, problematizou a dicotomia objetivismo versus subjetivismo” (ESCOSTEGUY, 2011).

Como afirma Cuche (1999), um estudo de comunicação deve prestar tanta ou “até mais atenção ao que os consumidores fazem com o que eles consomem. Eles não assimilam passivamente os programas. Eles se apropriam deles, reinterpretem-nos segundo suas próprias lógicas culturais”. A obra de Hoggart foi fundamental para demonstrar como é possível fazer esta análise.

Bosi (1981) pontua que existe um “tecido familiar, primeira realidade do trabalhador”, que “filtra a comunicação de massa”. Esse tecido, conforme a autora, é composto de predisposições psicológicas e morais, e percepção seletiva das mensagens. Por isso, ela defende que “em vez de pesquisar efeitos puros da comunicação, tenta-se compreender a situação do sujeito que a tornou mais ou menos poderosa” (BOSI, 1981), outra característica analítica encontrada ao longo de *As utilizações da cultura*.

Mattelart e Neveu (2004) lembram que a obra de Hoggart, ao fazer das culturas populares e dos seus estilos de vida objetos dignos de um investimento erudito, foi recebida de maneira desconfortável pelos intelectuais, mas inegavelmente marcou “um dos pontos da decolagem e do impacto dos estudos culturais”, que nascem, de acordo com os autores, da recusa do legitimismo, das hierarquias acadêmicas dos objetos nobres e ignóbeis:

Eles se fixam sobre a aparente banalidade da publicidade, dos programas de entretenimento, das modas vestimentares. O próprio estudo do mundo popular atinge infinitamente menos as figuras heroicas dos dirigentes do que a sociabilidade cotidiana dos grupos, os pormenores de decoração, as práticas e os costumes. Enfim, e sobretudo, esses trabalhos derivam daquilo que Passeron chama – sem o mínimo tom de depreciação – uma análise “ideológica” ou externa da cultura. Eles não buscam simplesmente mapear culturas, captar sua coerência, mostrar a maneira com que frequentar o *pub*, assistir ao jogo de futebol, participar de festas populares pode constituir um conjunto de práticas coerentes. As atividades culturais das classes populares são analisadas para interrogar as funções que elas assumem perante a dominação social. (MATTELART, NÉVEU, 2004, p. 72)

Estudar uma cultura é ir fundo na dimensão do processo social que a circunda. É ir além do conjunto de práticas e concepções, pois a cultura é uma construção histórica e diz respeito a todos os aspectos da vida social de um povo. A cultura, em síntese, não é mera decorrência de leis físicas ou biológicas, e sim produto coletivo da vida humana.

Está, portanto, associada a outras preocupações do estudo da sociedade como um todo. Foi na etnografia, um método amplamente utilizado por antropólogos, que Hoggart entrou em contato com o universo da sua classe pesquisada com o olhar de investigador, e pode compartilhar o que viu sem ficar preso à visão de mundo que relatava.

A atenção nos detalhes e fragmentos, mais do que o acúmulo de informações e percepções, ofereceu aos leitores de Hoggart caminhos para novos entendimentos, tanto das classes populares quanto dos efeitos da comunicação de massa em uma cultura que caminhava para a globalização. Traquina (1999) sublinha que “a abordagem etnometodológica permite uma observação teoricamente mais informada sobre as ideologias e as verdadeiras práticas sociais que constituem a produção cultural”. Hoggart deixou como exemplo um método que, se adaptado e aplicado às publicações atuais, pode fornecer importantes respostas para as mudanças culturais nas novas classes proletárias do século 21:

Poderíamos estudar essas mudanças de muitas maneiras diferentes. Por exemplo, procedendo a uma análise comparativa do estilo e do espírito dos números do *News of the World* de há cem anos e dos de qualquer dos jornais de domingo dos nossos dias. [...] Há algumas mudanças, de modo particular no estilo dos desenhos e das fotografias, mas de uma maneira geral a receita é a mesma, e hoje em dia muitas pessoas sentem-se atraídas pelo fato de o jornal ser uma espécie de momento de uma época. Podíamos ainda comparar os dois estilos de jornais que exploram o sexo: os que o fazem diretamente, e os que assumem uma atitude pseudomoralista. [...] Essa atitude pseudomoralista costuma ser adotada por jornais que não se dirigem diretamente às classes trabalhadoras. O hábito tem, porém, tendência a divulgar-se, e tem sido adotado por alguns dos jornais de domingo mais modernos, de modo particular por aqueles que parecem pouco definidos, e que têm, portanto, mais tendência para adotar novos estilos e maneiras. (HOGGART, 1973, v. 2, p. 63)

CONCLUSÃO

O legado de Hoggart em As utilizações da cultura pode ser recuperado para transpor limitações que, de acordo com Reguillo (2004), são verificadas até hoje nos estudos culturais: como fazer para falar de maneira produtiva e criativa sobre as diferenças entre os sujeitos e as classes; como abandonar a pretensão de verdades universais e estudar todas as emergências que, apontando tanto à mudança quanto à continuidade, indiquem para quais direções a sociedade se move; e como manter um rigor metodológico, com a diversificação dos instrumentos de escuta e registro e uma perspectiva multidimensional.

Bosi (1981) diz que a atitude do pesquisador “não deve ser nem a de polêmica aristocrática contra os meios de massa, nem a cegueira ante sua periculosidade”. O foco deve ser “a investigação concreta, o conhecimento de como o fenômeno se configura em um dado momento” (1981). Nesse sentido, a obra de Hoggart é, mais do que um clássico, um guia metodológico e epistemológico para pesquisadores em comunicação.

Direcionada para uma cultura proletária específica – no caso a inglesa da primeira metade do século 20 –, *As utilizações da cultura* retrata a realidade da classe pela perspectiva da própria classe. Jacques Loew (in BOSI, 1981) sugere que, para que isso seja possível, é “preciso que se forme uma comunidade de destino, para que se alcance a compreensão plena de uma dada condição humana”. O que significa “sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à sua antiga condição, o destino dos sujeitos observados”. Já no âmbito acadêmico, em meio aos “outros”, Hoggart optou por buscar as respostas no seu meio de origem e privilegiou fontes ligadas à existência e à sobrevivência da classe proletária retratada.

É possível, depois de reler *As utilizações da cultura*, voltar na ideia defendida por Hoggart de que a influência das publicações de massa não pode ser pensada numa relação de causa-consequência e questioná-la. Isso ainda vale nos dias atuais, em que vivemos na era da informação instantânea e invasiva? As atitudes das novas classes populares foram e são diretamente alteradas por esse contexto comunicacional? Quais são as resistências encontradas hoje contra essa dominação? Em tempos de capitalismo acelerado e globalização, repensar a cultura de maneira interdisciplinar, como fez Hoggart, é uma maneira de localizar as fronteiras simbólicas de um mundo fragmentado e trazê-las à luz.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Cultura de massas e cultura popular - Leituras de operárias**. Petrópolis: Vozes, 1981.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais – uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Uma releitura de um clássico dos estudos culturais – As utilizações da Cultura ([1957] 1973)**. In: GOMES, Itania. JUNIOR, Jeder. Comunicação e estudos culturais. Salvador: EDUFBA, 2011.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora**. Lisboa: Presença, 1973. v. 1 e 2.

MAGNANI, José Guilherme. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, ano 15, n. 32, p. 129-156.

MATTELART, Armand. NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

REGUILLO, Rossana. **Los estudios culturales. El mapa incómodo de un relato inconcluso**. Portal de la Comunicación, 2004, UAB, Barcelona.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega Editora, 1999.